

A estátua de Nabudoconosor

Foi esta civilização de cabeça de ouro, que sogobrou nesta guerra. Para encontrar novamente a paz, será necessário colocar na base o ouro.

Esta guerra que deixou a Europa a sangrar, estarrapada e suja; esta guerra, cuja história há de constituir um dia a página mais negra e humilhante de quantas o homem escreveu; esta guerra, na Europa, acabou.

Cidades e povoações inteiramente arrasadas, de cuja cinza, ensopada em sangue, saem ainda gritos de compaixão que o tempo não conseguira abafar; corpos e almas torturados por inaudito furor nos campos de concentração; lares, amor e ternura, tudo desfeito no horrível vendaval do maior cinismo que jamais devastou as Nações; milhões de cadáveres sepultados na terra, como grãos de semente duma seara imensa, cujos frutos ninguém pode prever ainda; e milhões, dezenas de milhões de prisioneiros, deportados, arrancados às suas terras e às suas pátrias, sem carinho nem piedade que os acolha, eis o que restava na Europa ao soar o clarim de depor as armas.

E sobre estas ruínas, sobre estes crimes, sobre estas chagas, se há de construir a paz!!!

Em que alicerces?

A civilização que foi sepultada nos escombros da Europa não deve ressuscitar.

A semelhança da estátua de Nabucodonosor, cuja cabeça era de ouro finíssimo, com o peito e braços de prata, ventre e coxas de cobre, pernas de ferro e pés de barro, a civilização moderna pôs o ouro na cúpula do edifício social como supremo dominador da vida, colocou a prata e o cobre — símbolos da riqueza e prosperidade material — como centro e alavancas do progresso humano, utilizou o ferro, imagem da força, como sedutora norma de condção, tendo imaginado construir assim, para sempre, uma digna morada para todas as Nações, onde a felicidade, a abundância e a paz fossem o quinhão dos mortais.

Conta-nos, porém, o livro de Daniel que, estando o rei Nabucodonosor a admirar a estátua, uma pedra se desprendeu, sem intervenção de mão humana, de um monte próximo, e feriu a estátua nos seus pés de ferro e barro, e os fez em pedaços; então se quebraram a um tempo o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidos como a miúda palha que o vento leva para fora da eira no tempo do estio, nada deles ficando.

O grande crime da nossa desgraçada civilização foi, com efeito, ter dado maior valor ao dinheiro do que ao homem, à matéria do que ao espírito, à economia do que à ordem social e moral, à fábrica do que ao operário. Construiu assim a grande estátua de pés de barro, tornada ídolo supremo na vida. «Da fábrica, diz Pio XI, só a matéria sai enobrecida; os homens nela se corrompem e degradam.»

A prata, o cobre e o ferro, dando ao homem o lugar que lhe compete na cúpula do edifício.

O homem, efectivamente, tem mais valor do que tudo o resto. Junta o ouro todo da terra, as imensas avalanches da produção material,

Não sereis capazes de tirar de todo este amontoado de poderio, de força e de abundância, um único pensamento, um só sentimento de amor, uma só lágrima que seja.

Porque havemos de teimar então em manter o social subordinado ao económico, e a vida humana às exigências da produção? Foi este o legado da escola liberal.

Quem lê as teorias económicas dos grandes mestres, aí encontra exaltado em dogma científico o gravíssimo erro. São os salários regulados pela lei da concorrência, são os operários submetidos ao trabalho — único meio de sustento seu e da família — a maior ou menor abundância de produtos; são os problemas da vida condicionados pelos problemas das fábricas; e enfim o homem colocado ao serviço dos interesses das empresas. Quando, afinal, produtos, fábricas, empresas, economia, ouro, prata, cobre e ferro, deveriam estar sempre e exclusivamente ao serviço do homem, da vida humana, da vida social.

O que fez o liberalismo, regular do salários, condições de trabalho, nível de vida dos operários e empregados pela maior ou menor possibilidade da economia, assemelha-se

muito à famosa estátua que a pedra desprendida da montanha reduziu a pó.

O problema tem de pôr-se ao invés. A economia tem de adaptar-se, submeter-se, regular-se pelas exigências da vida humana. Encarando deste modo, as coisas, seria fácil compreender a razão pela qual não são as leis económicas que têm de fixar as leis sociais, mas, pelo contrário, são as leis sociais que há-de estabelecer as leis económicas. Se a vida da família do trabalhador, para ser justa, tem de atingir um nível mínimo de bem-estar, é preciso organizar a economia de tal forma e com tais regras, que a esse mínimo todos possam ascender.

Dizia alguém que a morte de um homem é uma tragédia, ao passo que a morte de milhões de homens não passava de uma questão de estatística. Da mesma forma, poderemos nós raciocinar que, por exemplo, o desemprego de um chefe de família é uma tragédia, mas o desemprego de milhares de chefes de família não passa de uma questão de números que nos deixam impassíveis. Esta aberração provém de a civilização em que temos vivido — e contra a qual é preciso reagir — ter esquecido a dignidade do homem, para só prestar culto à dignificação da riqueza e do dinheiro.

Se a paz futura há-de assentar nas mesmas bases em que se afogou a paz passada, então continuaremos a adorar a estátua de cabeça de ouro e pés de barro, enquanto não chega uma pedra que reduza outra vez, em nova hecatombe, todo o nosso mal empregado esforço a miúda palha que o vento leva para fora da eira no tempo do estio.

ABEL VARZIM